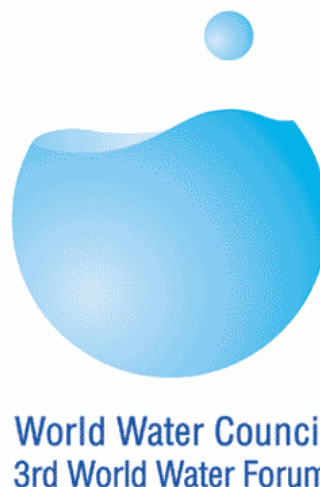


**Relatório sobre a participação no
3º Fórum Mundial da Água
(FMA), em Kioto, Japão, 16 a 23
de março de 2003.**

**1. O esforço de organizar o FMA
valeu a pena?**

1.1 Resolvi escrever um relatório relativamente extensivo sobre a minha participação no 3º Fórum Mundial da Água porque tinha poucos/as participantes brasileiros, a não ser funcionários do governo que participaram da organização do Dia das Américas durante o evento, e porque devemos justificar a participação para as organizações que apóiam nosso trabalho. No 3º Fórum Mundial da Água, durante oito dias, de 16 a 23 de março 2003, em Kioto, Japão, os representantes discutiram um leque grande de problemas relativos à água. Segundo o Conselho Mundial da Água (CMA), que patrocinou o Fórum, 24 000 pessoas participaram, destes 6 000 eram do Japão. Houve 334 sessões com todo tipo de temas relacionados com água, com mais de 1500 apresentações. Kioto, desde o começo foi planejado como abrangente: Os organizadores japoneses queriam um encontro que incluísse todos os assuntos possíveis sobre a água. De dois anos para cá, eles convidavam todo tipo de usuários de todo mundo a participar de uma conferência virtual na internet chamado "Vozes da Água" que recebia 22 000 contribuições e queriam os ativistas de luta pelos direitos da água "dentro da tenda". "É pena que este desejo teve como consequência que Kioto resultou muito em quantidade, mas deixou de dar

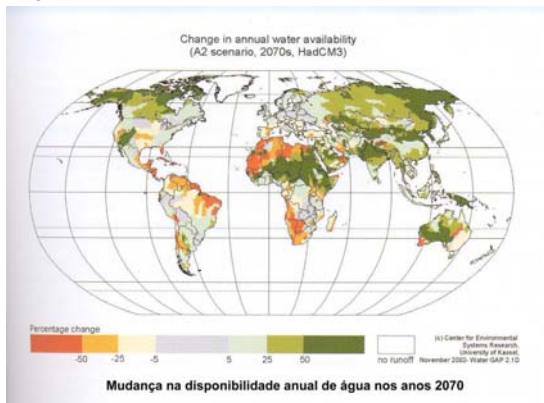
em resultados qualitativos", resumiu um participante.



A logomarca do 3º FMA, que mostra a relação entre água salgada e água doce na terra.

1.2 A gente também investiu bastante energia, desde o mês de junho de 2001 quando demos o ponta-pé inicial para o FMA, em Kioto, para preparar com os colegas da IRCSA (Associação Internacional de Sistemas de Captação de Água de Chuva) uma sessão de sobre Colheita de Água de Chuva. Podemos responder se tudo isso valeu a pena com mais facilidade talvez no final deste relatório. É difícil relatar de maneira representativa um evento abrangente como este. Mas tento mostrar o que aconteceu no fórum por dois ângulos. Primeiro quero falar a partir de um ângulo global da situação da água no mundo, o que poderia pontuar diante do "Diálogo sobre Água e Clima". No relatório de pesquisa do diálogo tem pela primeira vez uma previsão sobre a disponibilidade de água no Semi-Árido Brasileiro no futuro: prevê-se uma diminuição de disponibilidade de água em todos os modelos e uma irregularidade maior na descarga do Rio São Francisco.

Tudo isso como conseqüência do aquecimento da terra, da evaporação maior e do desmatamento da Amazônia.



O Diálogo sobre Água e Clima fornece pela primeira vez uma previsão de disponibilidade de água no futuro para todas as regiões do mundo.

Abordaremos sobretudo acerca da discussão que houve sobre o "Valor da Água" e "Água e Privatização" que eram os temas mais conflitantes entre participantes do Fórum e os políticos que vieram de 170 países. O ângulo específico poderia ser a "Aliança Água e Gênero" ou "Água e Barragens". Outros participantes brasileiros/as se engajaram nestes temas, por isso vamos falar sobre a "Captação de Água de Chuva", o tema que é nossa especialidade e que ajudamos a preparar.

2. Uma guerra de paradigmas: água como direito humano ou água como mercadoria:

2.1 Além de o início da guerra no Iraque, que aconteceu no 5º dia, ter atrapalhado o procedimento do 3º Fórum Mundial de Água, também lhe conferiu significado mais profundo. Os rios Tigris e Euphrates, que correm a área que hoje abrange Iraque, Síria e Turquia, já foram as artérias da vida das primeiras civilizações; até

hoje a região deve muito do seu êxito e de seus problemas à água.

No fórum em Kioto, uma outra guerra, uma guerra de paradigmas irrompeu entre o CMA, o anfitrião, e as centenas de ONG's e movimentos da sociedade civil que vieram do mundo inteiro.

Desde o início, a legitimidade do evento inteiro foi questionada pelos críticos, como também a do próprio CMA, que é composto em parte por representantes da elite dos setores banqueiros, de construção e engenharia, hidroelétricas e corporações transnacionais de água.

2.2 Na Conferência Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável em Johannesburgo, em agosto 2002, foi definido como Meta de Desenvolvimento do Milênio, que o número de pessoas sem água de beber (1,1 bilhão) e sem saneamento (2,2 bilhões) deveria ser reduzida pela metade até 2015.

Em conseqüência, o CMA instaurou uma comissão para formular o plano de ação. Presidido pelo antigo diretor do FMI, Michel Camdessus, o plano propõe um aumento dramático dos investimentos em serviços de água e saneamento no mundo em desenvolvimento – em vez de US\$ 80 bilhões ao ano como agora, chegando a algo em torno de US\$ 180 bilhões ao ano. Como esta seria uma tarefa impossível para os governos em questão, ficou implícito que haveria necessidade de o setor privado preencher as lacunas.

Após o 2º Fórum Mundial da Água, que aconteceu em 2000, em Haia, Holanda, – e onde a declaração final categorizou a água como uma *neces-*

cidade, mas não como um *direito* (e com isso como uma mercadoria a ser vendida) – as empresas gigantes da água, como a Suez, a Vivendi, a Bechtel e a Thames, iniciaram agressivas incursões nos mercados do Terceiro Mundo. Desde então, porém, eles têm sofrido sérios problemas com a quebra de moedas locais e com falhas embaraçosas das empresas vindo a tona. Serviços de água privatizados têm sido responsabilizados por aumentos abusivos de tarifas, corte do fornecimento para usuários inadimplentes e serviços de baixa qualidade, enquanto os lucros são direcionados para os acionistas das corporações.

Muitas organizações não-governamentais e também alguns ministros de governos nacionais procuraram defender a água como um direito humano de acordo com uma constatação publicada em novembro de 2002 pelo Comitê para Economia, Cultura e Direitos Sociais das Nações Unidas: *“O acesso à água para uso pessoal e doméstico é um direito humano fundamental para a vida e a saúde.”*

2.3 Exemplos de problemas sérios da privatização da água foram citados de países como Argentina, Bolívia, África do Sul e das Filipinas. Em Cochabamba, Bolívia, uma subsidiária da Bechtel se retirou depois de ter provocado protestos de massa ao elevar as tarifas exageradamente e promover cortes de fornecimentos. Os protestos foram violentamente oprimidos pelas autoridades, resultando em duas mortes, centenas de feridos, e um processo judicial ainda pendente entre a Bechtel e o governo da Bolívia.



Dia Mundial da Água – Cenário Nº 1: Protestos contra a privatização da água no FMA

As ONG´s não só reclamaram, mas apresentaram também exemplos de sucesso como alternativas para as privatizações que o Fórum estava promovendo: O DMAE - Departamento Municipal de Água e Esgoto de Porto Alegre-RS, Brasil, é propriedade pública, mas financeiramente independente do governo. Ele se financia totalmente com as contas de água de seus 1,4 milhão de habitantes. O DMAE está em operação há 14 anos e possibilita participação pública e controle de suas operações e investimentos.

A ambientalista indiana Vandana Shiva, porém, apontou um elemento fundamental que faltava no plano Camdessus – a água mesmo. "Você não pode beber dinheiro," disse a autora do livro "Guerras por Água: Privatização, Poluição e Lucro" (Índia, 2002). "Tudo isso é só sobre dobrar o fluxo de recursos financeiros, sem uma palavra sequer sobre o ciclo hidrológico. Eles reduziram este a uma discussão sobre infra-estrutura hídrica – infra-estrutura grande."

2.4. O plano referido também parece se curvar à pressão interna exercida

pela indústria hidroelétrica em crise, que está ansiosa para voltar aos negócios. Não há menção ao relatório da Comissão Mundial de Barragens, um estudo feito durante dois anos, publicado em 2000, que critica os custos sociais e ambientais das barragens e pede uma ampla reavaliação dos impactos ambientais por elas causados.

Camdessus revida que o assunto não é tão simples. "Nós não deveríamos permitir que a ideologia prevalecesse neste setor," diz ele. "Nos Estados Unidos é fácil dizer 'parem as barragens'. Há 5.000 m³ per capita armazenados ali. Na Etiópia há 50 m³ per capita e por isso eu receio que esta campanha contra as barragens não vai vingar."



Dia Mundial da Água – Cenário Nº 2: Pessoas bebem água de uma fonte sagrada num templo com a melhor água da cidade de Kioto

Mais vendas de água significam maior lucro, diz a ativista Maude Barlow, o que explica porque as corporações, por definição, não têm ética conservacionista. Ela questiona um mundo cada vez mais comercial, onde tudo tem que ser comprado e vendido, até mesmo os bens mais fundamentais para a sobrevivência. "Havia uma época," ela diz, "quando áreas como

saúde, educação, genes, sementes, diversidade da alimentação, e particularmente a água, estavam fora do alcance do mercado."

2.5 O CMA, o plano Camdessus e os funcionários do Banco Mundial negam qualquer interesse em comercializar água. No entanto, conversas em curso na OMC (Organização Mundial de Comércio) colocaram o assunto na pauta do dia. Se o Acordo Geral sobre Comercio e Serviços (GATS) for efetivado, limitações a serviços como educação, saúde e água poderiam se dissolver, conferindo ao comercio prioridade sobre leis nacionais de trabalho ou meio ambiente.

"A água encontra-se enquadrada no item "serviços ambientais", o que significa que não é de fato o recurso natural que quer se liberar, mas o serviço," diz David Boys da Serviços Públicos Internacional, uma organização com sede na França que ajuda municípios a resistir à desregulamentação e a desenvolver serviços eficientes e responsáveis de água.

"Mas há todo tipo de perguntas sem respostas," acrescenta ele. "Se uma corporação fornecer serviços de água, isto significa que ela terá automaticamente acesso ao recurso natural? O problema é que o GATS é basicamente irreversível e há indicações que ele levará a um maior controle das corporações não só sobre os serviços de água, mas finalmente também sobre os próprios recursos hídricos."

Se for endossado pela reunião dos G-8 (os oito países economicamente mais fortes) em Junho 2003, na França, o plano da comissão Camdessus ajudará as multinacionais a se recuperar dos recentes reveses.

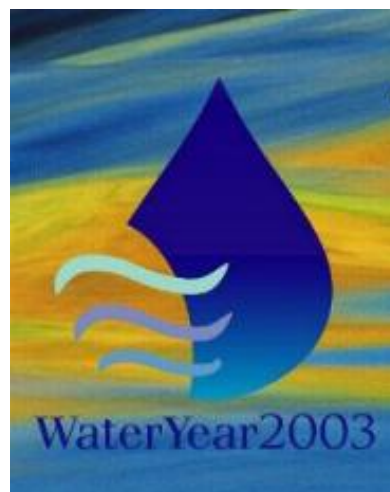
Enquanto isso, o impasse na situação das privatizações é considerado pelo CMA prejudicial para os mais necessitados. "Devemos colocar nossas diferenças de lado e encontrar soluções," diz William Cosgrove, vice-presidente da CMA. Mas os ativistas acreditam que *a derrubada da pauta das corporações será a única saída para encontrar soluções democráticas e sustentáveis para a crise de água – soluções que não se baseiam em projetos grandes e caros, mas na conservação, em métodos tradicionais ou em soluções locais inovadores, como reciclagem da água e captação de água de chuva.*

2.6 Até agora 5% dos serviços de água no mundo estão nas mãos do setor privado que deve chegar a 7% nos próximos cinco anos. O desafio para as companhias públicas de água vai ser mostrar mais transparência e competitividade.

"A opinião pública está contra a privatização da água na maioria dos países, mas para conseguir os US\$ 180 bilhões para financiar o setor de água no futuro, o envolvimento do setor privado será indispensável", diz Duog Miller de Environics International, uma empresa de pesquisa de opinião pública mundial, "O envolvimento da sociedade civil local, a supervisão governamental, um preço progressivo de água que fornece uma quantidade mínima de água acessível para todos, mas desencoraja o desperdício, serão provavelmente uns dos elementos para desenvolver uma parceria inovadora entre o setor público e privado para que o capital privado possa ser aplicado com sucesso no enfrentamento do desafio global de água." Em

Kioto não se chegou a uma conclusão, porque uma grande parte dos/das participantes achava que não devia ter envolvimento do setor privado nenhum.

A palavra de ordem sempre repetida na literatura do fórum oficial – "ações, não palavras" – como também as publicações oficiais na imprensa enfatizando a necessidade de prover água e saneamento para os pobres parece expressar o sentimento de urgência.



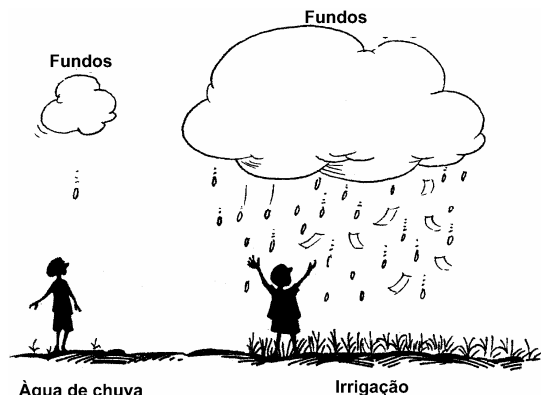
O Ano Internacional de Água Doce pode ser decisivo na guerra dos paradigmas da água

Mas não ficou claro se esta urgência se deve ao desejo de solucionar a crise mundial de água, ou simplesmente de tirar o máximo proveito financeiro dela antes que futuras discussões emperram o processo.

3. A água de chuva como resposta para uma parte considerável da necessidade de água

3.1 O objetivo principal da participação da gente foi ajudar a organizar como vice-presidente do IRCSA uma sessão sobre Captação de Água de Chuva no Fórum. Esta preparação

aconteceu durante os últimos dois anos. Sofremos grandes dificuldades financeiras porque as organizações financiadoras do Fórum não apoiaram a sessão de captação de água de chuva. Como mostra o desenho chegou dinheiro mais para temas que prometem lucro para investidores.



Os meios financeiros no setor da água correm na direção daqueles que tem mais poder como mostra este desenho da Índia

Finalmente o CMA financiou a participação de quatro pessoas e mais cinco pessoas conseguiram apoio financeiro de outras entidades, para poder apresentar a captação de água de chuva não só do ponto de vista dos países desenvolvidos, mas também dos países em desenvolvimento.

3.2. As possibilidades de captação de água de chuva foram destacadas logo no 1º dia do FMA para a imprensa por representantes da UNEP (Programa Ambiental das Nações Unidas). Quantidades consideráveis de tempo e dinheiro são gastos no desenvolvimento de soluções tecnológicas mirabolantes para os problemas mundiais de abastecimento de água. No entanto, de acordo com especialistas em tecnologias ambientais a resposta para futuras necessidades de água da região da Ásia e do Pacífico, que se

encontra em rápido crescimento, como também de outras regiões, pode estar em um processo tão simples quanto a coleta de uma gota de chuva.

A captação de água de chuva – a coleta da água pluvial que pode ser armazenada como água potável ou para uso na irrigação – não é uma idéia nova, mas foi e está sendo largamente ignorada pelos planejadores e a iniciativa privada. "Não é atraente (sexy)," conforme disse Steve Halls, diretor do Centro Internacional de Tecnologias Ambientais da UNEP.

Mesmo assim, Halls considera que a captação de água de chuva, se introduzida em larga escala, poderia aumentar o abastecimento existente de água a um custo relativamente baixo, e passar para as comunidades a responsabilidade de gerenciar seu próprio abastecimento de água. "Nenhum projeto isolado de captação de água de chuva individual em uma determinada comunidade é suficiente, mas praticada coletivamente por toda parte, certamente o será," acrescenta ele.

3.3. A captação de água de chuva foi reintroduzida em vários países, p. ex. na China, onde o método é usado em 17 províncias para fornecer água potável para 15 milhões de pessoas e praticar irrigação suplementar em 1,2 milhão de hectares, através de 5,5 milhões de cisternas construídas nos últimos sete anos.

"Acreditamos que isto seja um excelente exemplo de que a captação de água de chuva pode ser usada, em escala adequada, também em outros países em desenvolvimento," disse Zhu Qiang, do Departamento de Con-

servação de Água, do Estado de Gansu, China e Vice-Presidente da IRCSA. No final do Fórum esta experiência da China foi premiada com o 1º lugar no Concurso de Ações de Água entre 800 participantes de todo o mundo como a experiência mais inovadora para resolver o problema de água de uma região que até então sofria com falta de abastecimento de água potável e água na agricultura.



Água de chuva para beber e para a produção agrícola para 15 milhões de pessoas no Norte da China

3.3 A água pode ser introduzida diretamente nos tanques de armazenamento, instalados ao lado ou abaixo das residências, ou em sistemas maiores de micro-barragens para o abastecimento de várias comunidades ou até cidades inteiras – e tudo isso com um impacto ambiental mínimo.

"Em vez de levar a água de um lugar para outro em adutoras ou na transposição de um rio, o que requer alto consumo de energia e causa emissão de gases que provocam o efeito estufa, captando água de chuva, podemos colaborar com a economia de energia e a redução do efeito estufa," explica novamente Halls.

Para pôr em prática o "know-how" do método, uma contribuição financeira maior por parte do setor privado será necessária, sendo que este tende a aplicar seus recursos preferencial-

mente em grandes projetos, como a construção de barragens, e poderia encarar a captação de água de chuva como uma competição indesejável. Porém Halls responde: "Não se trata de *uma coisa que exclui a outra*; nós estamos tentando fechar o círculo. A maior parte da água de chuva ao redor do mundo não é coletada, e com isso as regiões rurais se tornam muito dependentes da água de sistemas de larga escala. Isso sempre acontecerá, mas é possível suplementar a água, principalmente nos períodos de seca."

3.4. A captação de água apresenta potencial para beneficiar 2 bilhões de pessoas no mundo inteiro, que atualmente não têm acesso à água potável limpa ou saneamento básico, disse Jayant Bhagwan, diretor de gerenciamento de água e esgoto da Comissão de Pesquisa da Água da África do Sul. "Enquanto houver chuva, só precisará decidir onde colocar os tanques de armazenamento," disse ele.

A UNEP espera ver a tecnologia de captação de água de chuva incorporada na construção do maior edifício do mundo, atualmente em fase de projeção em Shanghai. "O que queremos é influenciar projetistas e arquitetos," disse ele.

3.5 O dia da apresentação das experiências sobre Captação de Água de Chuva foi 20 de março. Em painéis e discussões durante o dia todo conseguimos dar uma visão abrangente das potencialidades da captação de água de chuva. Eu apresentei o tema "O impacto da captação de água de chuva para o desenvolvimento sustentável e o combate à pobreza em regiões semi-áridas", destacando a experiência do semi-árido brasileiro. O mesmo

tema foi discutido depois com dois colegas do ponto de vista da China e do Quênia. Aproveitamos as potencialidades do uso da água de chuva para água de beber – no Projeto Um Milhão de Cisternas, mas não ainda para a agricultura e para o dessedentamento dos animais. O programa “Se de Zero” poderia aprender de experiências de outros países.



Jane Heyworth diz que na Austrália bebe-se água de chuva há gerações

3.6 Muito interessante para nós foi a contribuição de Jane Heyworth do Departamento de Saúde Popular da Universidade de Austrália Ocidental: “Na área rural da Austrália do Sul, segundo uma pesquisa do governo estadual, 82 % das crianças tomam água de chuva (na média quatro copos ou um litro por dia). Duas pesquisas uma feita com 9500 crianças e outra feita entre 1000 crianças de quatro anos dos quais a metade tomou água de cisternas de chuva e outra metade água tratada com cloro mostraram que a incidência de diarreia é ligeiramente menor entre as crianças que tomam água das cisternas.” diz Jane “Parece que problemas de saúde associados com consumo de água de chuva de cisternas são insig-

nificantes se as cisternas são relativamente bem cuidadas”.

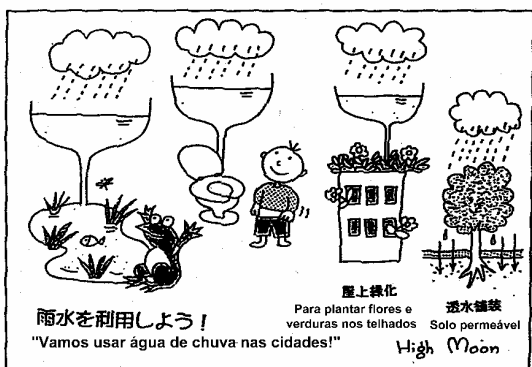
Ao nível mundial existe um interesse crescente em usar a água de chuva. Mas quase todos os esforços se concentram em comunidades rurais com tecnologia simples. Por isso foi dada ênfase ao uso de água de chuva em cidades para fornecimento de água de beber, recarga de água subterrânea e retenção de enchentes por reservatórios. “Em muitas cidades grandes do mundo, a água quando cai como chuva, imediatamente corre para o mar, um desperdício enorme,” diz Klaus König, um arquiteto e pioneiro de captação de água de chuva em cidades da Alemanha.

3.6. Jasveen Jairath, que participou da sessão toda, considera que deveria haver mais atenção para alternativas viáveis de captação e distribuição de água. Jasveen Jairath, que preside SaciWATERS, o Centro de Estudos Interdisciplinar sobre Água e Desenvolvimento Rurais, uma ONG indiana, gostaria de ver subsídios governamentais disponíveis para as comunidades rurais com problemas de gerenciamento de água. “Estou aprendendo aqui a respeito das variadas dimensões da questão da água de chuva, e espero levar este conhecimento para minha terra e dividi-lo com a população local,” afirma ela.

3.7 Nos dias 21 e 22 de março houve uma exposição e apresentação de maneiras de uso de água de chuva para o público japonês no Centro Ecológico de Kioto, organizado por “Povo promovendo o Uso de Água de Chuva”, uma organização japonesa da sociedade civil. Apresentamos um pôster sobre o desenvolvimento da

captação de água de chuva no semi-árido brasileiro.

É impressionante o uso de captação de água de chuva nas cidades: No Japão existem p. ex. 15 centros de convenções ou centros de esportes com telhados grandes que captam toda a água de chuva em tanques com mais de 1 milhão de litros e usam-na para toaletes, para molhar plantas e o solo, para apagar incêndios e em uns casos para beber depois de filtrar. Em Tóquio foi instalado dois anos atrás o primeiro Museu de Água de Chuva do mundo, para onde vai parte da exposição depois do FMA (também o jogo de crianças "A gota d'água", editado por IRPAA e Unicef).



As várias maneiras de uso de água de chuva em cidades japonesas

3.8 Elaboramos um relatório da Sessão sobre Captação de Água de Chuva para contribuir para o relatório final do FMA que deve estar pronto no final de abril. As mensagens-chave são:

- *A captação de água de chuva é uma opção maior de fornecimento de água, tão importante como água de superfície (adutoras) e água subterrânea (poços).*

- *A captação de água de chuva é uma maneira descentralizada de abastecimento que favorece os usuários.*

- *Não produzir mais tanques para guerra, mas tanques de água de chuva para paz.*

3.9 Ainda quero mencionar a participação das seguintes pessoas do Brasil:

- Luciano Cordoval, da EMBRAPA – Milho e Sorgo, Sete Lagoas – MG, com o trabalho "Pequenas barragens para captação de água de chuva, recuperação de áreas degradadas e regeneração de mananciais".

- Adélia de Melo Branco, da Fundação Joaquim Nabuco, Recife – PE, e da Aliança Internacional de Captação de Água de Chuva que apresentou um pôster sobre "Relações de Gênero e Empoderamento de Mulheres no Contexto da Água" e pretende trabalhar junto com o IRPAA.

- Paula Johns da REDEH que apresentou a experiência "Mulheres como Agentes de Água em Pernambuco"

- Maria de Fátima Chagas Dias Coelho, do Secretariado de Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, que vai defender a Captação de Água de Chuva e a Convivência com o Semi-Árido no ministério.

- Funcionários do Banco Mundial que falaram do envolvimento da entidade em vários projetos na melhoria da infraestrutura hídrica no Nordeste.

- Ninon Machado do Instituto Ipanema que trabalha pela Aliança Água e Gênero e coordenou uma conferência sobre Gênero e Água na Internet em português como preparação do FMA.

- Jerson Kelman que recebeu o Prêmio de Água de Rei Hassan II, dado pelo CMA, pela implantação da Agência Nacional das Águas no Brasil e que agradeceu ao anterior Presidente

Fernando Henrique Cardoso pelo apoio para fazer isso.

4. Kioto valeu a pena?

4.1 Esta pergunta finalmente a história vai poder responder. Este Ano Internacional de Água Doce está na luta dos paradigmas "água direito" ou "água mercadoria". O valor do FMA vai depender de como ajudou a decidir esta guerra.

Várias vozes disseram, se tiver mais um 4º FMA em 2006 – o Brasil está entre os seis países que se candidatam para sediar - , então deve ser um fórum menor, mais concentrado em questões essenciais, com oficinas regionais.

Segundo a avaliação dos participantes do IRCSA valeu a pena. A captação de água de chuva está ficando mais na agenda d´água mundial, está ficando mais atraente, mais "sexy" para usar uma palavra de Steve Halls. Devemo-nos organizar mais, o que pretendemos com a criação de um escritório permanente no Japão. Japão parece ser também o único país entre os G-8 que está eventualmente disposto a apoiar este empreendimento.

4.2 Para o Semi-Árido Brasileiro esperamos que possa ter uma troca de experiência com outros países do mundo como Austrália ou China. A China oferece este ano pela primeira vez um curso de pós-graduação em captação de água de chuva que será aberto também para nós no Brasil. Nós estamos a caminho do 4º Simpósio de Captação e Manejo de Água de Chuva, de 9 a 11 de julho de 2003, em Juazeiro – BA. A ABCMAC (Associação Brasileira de Captação e Manejo

de Água de Chuva) tenta trazer uma pessoa do Japão e outra da Alemanha para nos introduzir nas possibilidades do uso de água de chuva em cidades grandes como Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.



As cerejeiras começaram a florir no jardim do Centro Internacional de Conferências

4.3 Para com o povo japonês só podemos sentir admiração. Eles conseguiram organizar um encontro de 24 000 pessoas com muita delicadeza, eficiência e sem burocracia. Na despedida lamentaram que não podíamos ficar mais uns dias para admirar com eles a florada das cerejeiras, que é a festa da chegada da primavera. Eu pensei comigo: "Só quando nós no Sertão um dia admirarmos a florada das craibeiras à beira dos riachos, no mês de outubro, estaremos no caminho da convivência com a natureza que no Japão não se esquece, apesar de toda a vida moderna."

João Gnadlinger
IRPAA – Setor de Clima e Água
ABCMAC – Secretário
IRCSA – Vice-Presidente
Caixa Postal 21
48900-000 Juazeiro - BA
Email: ircsa@irpaa-org.br
21-04-2003